

## ■ ANÁLISES &amp; PERSPECTIVAS

economia - Brasil

## Alguns sinais de estagflação



**Maria Clara  
R. M. do Prado**

O produto industrial pode fechar o semestre com expansão média de 6% sobre igual período de 2000.

É possível que o resultado para maio da pesquisa mensal feita pelo IBGE surpreenda para o padrão normal de maio. Há casos de empresas que anteciparam a produção para formar um colchão de estoque. Preparavam-se assim para enfrentar os dias duros da escassez de energia pela frente. O mês de junho já deve sentir, isolado, o impacto da crise.

Na verdade, quando se olha para o comportamento da indústria mês contra mês anterior em 2001, observa-se que já em março começou a haver certa cautela. Foi quando o Banco Central decidiu puxar o juro básico para 15,75% em 22 de março.

Começou ali a temporada de alta dos ju-

ros que chegou a 18,25% ao ano em junho.

O IBGE apurou expansão do setor industrial em fevereiro (sobre janeiro) de 0,8%, queda em março (sobre fevereiro) de 0,3% e novamente queda em abril (sobre março) de 1,6%. Dá a impressão de que as empresas já vinham reduzindo o ritmo de produção antes de saberem, no início de abril, que a crise de energia era iminente.

“O PIB vinha crescendo mais do que em 2000 e o processo foi interrompido, mas é cedo para dizer o impacto que a crise terá no segundo semestre”, observa Salomão Quadros, coordenador da Sondagem Industrial do IBRE/FGV.

Se a indústria crescer zero no segundo semestre e se fechar em 6% no primeiro, significa que terá crescimento de 3% em média, acumulado no ano. Seria menos da metade dos 6,5% registrados em 2000.

Esse quadro só permite um PIB de 2% para baixo em 2001.

Parece cada vez mais claro que o

setor industrial vive um processo generalizado de aumento de custos. Pesa a energia, pesa a alta do dólar, pesam os juros.

Também não há refresco do lado da demanda. E nem poderia. Os juros altos, que buscam conter a desvalorização cambial e amenizar que seja repassada aos preços — procura-se conter a inflação por aí —, caem

de sola em cima de consumidores já retraídos com a própria crise de energia.

O economista Luciano Coutinho acha que a “forte tensão de custos” pode bater feio sobre a economia no segundo semestre.

“Pelas informações que temos, foram esfriados o setor de bens de capital, que só tem trabalhado para atender a carteira mas não

entra negócio novo, o setor de automóveis e outros, é como se a economia tivesse dado uma parada.”

O segundo momento dessa história continua nebuloso, até pela falta de conhecimento energético, mas vai ganhando contornos.

“As pessoas minimizam um pouco o que é a crise energética, é preciso entender que o primeiro ajuste da indústria é feito sem custo porque está se cortando o desperdício, mas quando tem de cortar mais, aí sim é que o impacto aparece”, avalia Eustáquio Reis, diretor de macroeconomia do IPEA.

Surge aí a pergunta natural.

Não poderá o setor exportador, com a alta taxa de câmbio, assumir finalmente seu papel e funcionar como mola propulsora do crescimento?

Resposta: “Acho difícil, a crise de energia pega a todos e mais ainda os setores intensivos no uso desse insumo e que têm forte presença na nossa pauta de exportação, o choque de oferta que está aí anula os mecanismos compensatórios”, diz Eustáquio.

Resposta: “Apesar do estímulo cambial, a economia internacional continua desacelerando-se e os mercados não são favoráveis, os preços das commodities não melhoram, e isso não ajuda a compensar os efeitos da queda da demanda interna”, diz Luciano.

Com a inflação subindo e o PIB caindo, dá para prever sinais de estagflação no segundo semestre, ainda que transitória, até que os choques refluem. ■

E-mail: mprado@gazetamercantil.com.br

(Esta coluna sai todas as terças,  
quintas e sextas-feiras)

## Indicadores conjunturais da indústria

Segmentos	Variação (%)			
	*Abr 01/ mar 01	Abr 01/ abr 00	Jan-abr 01/ Jan-abr 00	Mai-abr 01/ mai-abr 00
Bens de capital	0,0	22,6	20,0	17,4
Bens intermediários	-1,9	3,2	5,3	5,9
Bens de consumo	-1,2	6,0	4,7	3,5
Duráveis	-5,0	12,2	14,7	19,0
Semiduráveis e não-duráveis	-0,8	4,2	1,9	-0,3
Indústria geral	-1,6	6,1	6,9	6,6

Fonte: IBGE/DPE/Departamento de Indústria \*Com ajuste sazonal